

Opções irreconciliáveis



Por MICHAEL LÖWY*

A invasão russa da Ucrânia ressuscitou a OTAN

A OTAN é uma organização imperialista, hegemonizada pelos Estados Unidos, responsável por inúmeras guerras de agressão. A dissolução desse monstro político-militar, engendrado pela Guerra Fria, é uma exigência democrática elementar. Seu enfraquecimento nos últimos anos levou Emmanuel Macron, o presidente neoliberal da França, a constatar em 2019, que a Aliança se encontrava «em estado de morte cerebral». Infelizmente, a criminosa invasão russa da Ucrânia ressuscitou a OTAN!

Vários países neutros (Suécia, Finlândia, etc.) estão examinando sua adesão à OTAN; tropas americanas estão sendo estacionadas na Europa em grande quantidade; a Alemanha, que há dois anos atrás havia recusado aumentar seu orçamento militar, apesar das brutais pressões de Donald Trump, resolveu investir 100 bilhões de euros em rearmamento. Etc, etc. Vladimir Putin salvou a OTAN de seu lento declínio, senão desaparição.

Porque esta invasão da Ucrânia? Enquanto Vladimir Putin pretendia proteger as minorias russofonas da região do Donesk, havia certa racionalidade em sua política. Idem, para sua oposição à expansão da OTAN no Leste Europeu. Mas a brutal invasão da Ucrânia, com seu cortejo de bombardeios de cidades, com milhares de vítimas civis, inclusive idosos, mulheres e crianças, não tem nenhuma justificação.

Com que argumentos busca Putin legitimar esta guerra criminosa contra o povo ucraniano? O argumento da «desnazificação» da Ucrânia não tem pé nem cabeça. O povo ucraniano elegera como presidente um judeu, Volodymyr Zelenski, que se orgulha de seu avô, que combateu nas fileiras do Exército Vermelho contra o nazismo. Certo, existem partidos e grupos neonazistas na Ucrânia, mas nas últimas eleições tiveram só 3% dos votos. Existem grupos similares na Rússia. Como pode Vladimir Putin se declarar anti-fascista, ele que apoia politicamente e financeiramente vários partidos neofascistas na Europa, como a Frente Nacional da família Le Pen na França, ou a Legga de Matteo Salvini na Itália? O jornal do Partido Comunista Francês, *L'Humanité*, publicou um dossier sobre isso em 22 de março de 2022 com o título *A extrema direita e Putin...*

A outra «legitimização» da invasão se encontra no discurso de Vladimir Putin em 22 de fevereiro de 2022. Segundo o chefe de Estado russo, a Ucrânia «foi inteiramente criada pela Rússia bolchevique e comunista», visto que «Lênin e seus companheiros arrancaram a Ucrânia da Rússia!» A Ucrânia merece ser chamada «a Ucrânia de Lênin», já que ele foi «o autor e arquiteto» deste país. Foi Lênin que inventou «o direito das nações à autodeterminação até à secessão, que constitui o fundamento do Estado Soviético», uma concessão absurda aos nacionalistas das várias repúblicas que se constituíram depois da Revolução de 1917.

Reconhecer a essas repúblicas o direito de se separarem do Estado russo foi, segundo Vladimir Putin, «uma loucura, algo totalmente incompreensível», uma verdadeira destruição da «Rússia histórica» (isto é tzarista). Dirigindo-se aos governantes da Ucrânia, Putin argumenta: vocês falam em «descomunizar» a Ucrânia (isto é, romper com seu passado

comunista), mas ficam no meio do caminho. «Nós vamos mostrar a vocês a verdadeira descomunização», conclui Putin, referindo-se ao seu projeto de re-integrar - pela força evidentemente - a Ucrânia novamente ao Estado russo.

Esta é então a «justificação» putinista da invasão da Ucrânia: argumentos anti-comunistas, anti-leninistas, e a ambição de restaurar a «Rússia histórica» anterior ao bolchevismo - isto é a Rússia tsarista - anexando a Ucrânia. Não por acaso, a grande maioria dos Partidos Comunistas no mundo - inclusive os mais saudosos do socialismo soviético, como o grego e o chileno - condenaram a invasão russa da Ucrânia.

Pode se fazer muitas críticas à Ucrânia atual: falta de democracia, opressão da minoria russófona, «ocidentalismo», etc, etc. Mas não se pode negar o direito do povo ucraniano de se defender contra a invasão russa de seu território, num brutal e criminoso desprezo do direito das nações à autodeterminação.

Ou comunismo ou putinismo, ou Vladimir Illitsch ou Vladimir Putin, ou direito de autodeterminação das nações ou direito dos impérios de invadir e buscar anexar outros países: a cada um cabe escolher o que prefere, mas são opções irreconciliáveis.

Esperemos que algum dia os povos da Europa e da Rússia se libertem de suas oligarquias capitalistas parasitárias. Esta era a proposta dos revolucionários de Outubro de 1917.

***Michael Löwy** é diretor de pesquisa em sociologia no Centre nationale de la recherche scientifique (CNRS). Autor, entre outros livros, de *A teoria da revolução no jovem Marx* (Boitempo).